

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21

COMO ENSINAR LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NÃO ALFABETIZADAS

Ricardo Santos David (FCU; UNIATLANTICO)
ricardosdavid@hotmail.com

RESUMO

Estudo sobre a relevância da motivação no ensino da língua inglesa. Abordam-se conceitos sobre motivação de uma maneira geral e em sala de aula, mostram-se sucintamente diferentes tipos de motivação. Relaciona-se motivação e incentivo em sala de aula. Comentam-se os principais problemas que influenciam de forma negativa na aprendizagem de uma maneira geral. Apresentam-se meios que levam a uma boa aprendizagem da língua inglesa. Enfatizam-se os motivos que levam o educando a não aprender mesmo quando há motivação no cotidiano escolar argumenta-se que para haver uma boa aprendizagem não é necessário só o estímulo, mas também o interesse e desempenho do educando e educador. Sugerindo atividades, para a melhoria da qualidade de ensino da língua inglesa que conduza a resultados significativos na aprendizagem da mesma em especial por crianças não alfabetizadas.

Palavras-chave: Motivação. Aprendizagem. Língua inglesa. Crianças não alfabetizadas.

1. Introdução

22 A fim de buscar subsídios para sua pesquisa, a linguística aplicada
23 atua em vários ramos das ciências humanas. Atualmente, as pesquisas de
24 ponta em linguística aplicada integram-se em áreas como a antropologia,
25 a psicologia social a sociologia e educação. De fato, o estudo da lingua-
26 gem permeia as relações humanas, quer sociais, psicológicas, econômicas
27 ou filosóficas. Nesses domínios, a linguística aplicada interessa-se
28 pelos estudos de aquisição de segunda língua.

29 Atualmente, falar mais de um idioma é uma questão de sobrevi-
30 vência, crescendo a procura de cursos de idiomas, e a aprendizagem da
31 língua inglesa desde a infância têm se tornado comum.

32 As investigações relacionadas à aquisição de segunda língua es-
33 tendem-se a campos de análises bastante variados. Segundo Rod Ellis
34 (1994, p. 2), a aquisição de segunda língua é um fenômeno complexo e
35 multifacetado podendo assumir diferentes aspectos nas variadas culturas.

1 As variáveis afetivas contribuem para um dos aspectos que têm
2 sido enfocados na aquisição de segunda língua nos ambientes pedagógi-
3 cos.

4 Neste estudo a finalidade foi pesquisar a importância do ensino-
5 aprendizagem da língua estrangeira voltado para crianças, em especial as
6 não alfabetizadas tanto como instrumento social, e também para acesso a
7 diferentes culturas.

8 O aprendizado de uma segunda língua desde cedo é bastante co-
9 mum na maioria dos países. Atualmente, ser fluente em mais de um idi-
10 oma é praticamente um critério de sobrevivência. A língua está direta-
11 mente ligada à identidade e à cultura das pessoas. (VIEIRA, 2008, p. 34)

12 Nesta pesquisa as perguntas norteadas foram para saber quais as
13 vantagens e desvantagens do ensino aprendizagem da língua inglesa para
14 crianças não alfabetizadas? - Como a formação do professor influencia
15 nesse processo?

16 Neste estudo buscou-se base para analisar a importância da língua
17 inglesa para crianças ainda não alfabetizadas e verificar as abordagens de
18 ensino para esses alunos. Incentivando o professor em sua prática profis-
19 sional, ao relacionar suas práticas pedagógicas com seu comportamento.

20 21 **2. *Motivação no ensino da língua inglesa para crianças não alfabeti-*** 22 ***zadas***

23 A motivação é uma energia interior importante no desenvolvi-
24 mento do ser humano assim como na aprendizagem, o ato de se instruí-
25 rem-se línguas ativas e não passivas. Não se trata de se refrear a um tra-
26 tamento, mas sim de edificar uma capacidade.

27 Onde não é o professor que doutrina nem o método que funciona;
28 o aluno é quem aprende. Por isso, a motivação no aprendizado de línguas
29 é um elemento chave. (SCHÜTZ, 2006)

30 Segundo Claudino Piletti (2004) a motivação é fator principal da
31 aprendizagem. Podem acontecer de ter aprendizagem sem professor, li-
32 vro, escola e amostra de outros recursos. Mas mesmo que tenha todos es-
33 ses itens, pois não se houver motivação não haverá aprendizagem.

34 No entanto, no ensino de línguas, especialmente da língua inglesa,
35 nota-se, apesar de sua estima para a aprendizagem, a motivação nem

1 sempre recebe a devida aplicação do professor, observa-se que os artifí-
2 cios usados geralmente são os mesmos utilizados há anos atrás: aulas re-
3 petitivas, monótonas, cansativas e sem muita criatividade. O estudante,
4 normalmente do turno noturno, já vem para a escola cansado e exausto
5 querendo algo diferente, diversificado e acaba se deparando com a mes-
6 miche de todo dia. O resultado é um alto nível de desinteresse por parte
7 dos alunos, pois falta aí o que ele está procurando: motivação para estu-
8 dar e aprender.

9 A motivação no processo ensino/aprendizagem é de suma impor-
10 tância para uma boa aprendizagem, principalmente de uma língua estran-
11 geira, pois o estudante muitas vezes tem a falsa ideia de que não será ca-
12 paz de aprender, então cabe ao educador, professor de língua estrangeira,
13 motivar esse aluno e mostrar que ele é capaz. Motivar nem sempre é tare-
14 fa fácil, requer muita criatividade e disposição por parte do professor pa-
15 ra conseguir esse objetivo e por essas mesmas razões ouve-se muito dos
16 educandos reclamações pela desmotivação em sala de aula.

17 Para Claudino Piletti (2004) é muito mais fácil providenciar um
18 manual, transmitir a matéria, cobrar nas provas, dar notas, como geral-
19 mente se faz nas escolas. Procurar motivar os alunos sobre a matéria, a
20 fim de que estudem de forma independente e criativa, é muito mais difí-
21 cil. Mas, nesse caso, os resultados serão gratificantes a professores e alu-
22 nos, pois, ao final do processo, todos se sentiram realizados. Partindo dos
23 argumentos supracitados ocorreu o pensamento de realizar um estudo
24 voltado para o tema: "A Relevância da Motivação no Ensino da Língua
25 Inglesa: uma nova perspectiva de aprendizagem", tendo em vista que moti-
26 var requer criatividade por parte do professor, nem sempre é tarefa fá-
27 cil, frequentemente é deixada de lado devido ao comodismo ou mesmo
28 falta de tempo e que a falta da mesma é resultado de muitos fracassos em
29 sala de aula independente da disciplina ministrada.

30 Guiando-se ainda nos argumentos ora mencionado pretende-se
31 mostrar o valor da motivação para um bom ensino e tentar auxiliar pro-
32 fessores interessados no assunto para o seu uso diário em sala de aula.

33 Sugerir atividades com base na experiência de sala de aula e nos
34 artigos lidos e comentados que venham prestar auxílio a professores que
35 necessitarem de esclarecimento e ajuda sobre o tema tratado favorecendo
36 o bom desempenho no ensino da língua inglesa levando em consideração
37 a constante motivação em sala de aula e abrindo-se espaço para questio-
38 namentos e para o surgimento de novas questões a ele relacionadas, uma

1 vez que se trata de um assunto de interesse amplo e de relevada impor-
2 tância. O trabalho aqui apresentado será de natureza teórico, dissertativo,
3 com base apenas em referencial teórico de autores e, portanto, não se uti-
4 lizará levantamento de dados, sujeitos, coleta de dados ou análise de da-
5 dos.

6 7 **3. *Aprendizado na sala de aula***

8 É necessária uma reflexão para entender a conscientização da prá-
9 tica docente, por ainda existirem muitos profissionais que não se preocu-
10 pam com uma educação contínua, não vendo a sala de aula como um lo-
11 cal onde o professor analisa ações e conhecimento para aperfeiçoar o
12 aprendizado. (SCHÖN, 2000)

13 De acordo com Marilda do Couto Cavalcanti, (2009, p. 180):

14 Afinal, já paramos para refletir o que é formar um professor de línguas?
15 Querem-se educação ou treinamento? Ou quem sabe adestramento? Os pro-
16 fessores são vistos como recipientes passivos daquilo que lhes ditam os espe-
17 cialistas. Assume-se que o professor deve ser 'treinado' para se tornar um ser
18 não pensante, não emancipado.

19 Na interação entre professor-aluno, o ensino deve ser contextuali-
20 zado, sendo modificado sempre que possível para uma melhor interação.
21 Reciclando o aprendizado sempre que possível a cada novo estudo, pois,
22 o conhecimento é perecível. (LEFFA, 2001)

23 A interação no ensino de língua estrangeira para crianças reforça a
24 necessidade de afetividade, motivação e autoestima da criança, acerca da
25 oralidade indica ainda que a língua materna seja um dos instrumentos de
26 mediação no ensino-aprendizagem de outra língua. (ROCHA, 2009)

27 Segundo Jonathas de Paula Chaguri (2004) quando se acredita que
28 o ensino da língua inglesa para crianças deva ser lúdico devemos nos ater
29 ao vocabulário, pois servirão de base para uma aprendizagem mais con-
30 creta devendo ser aprendido através de imagens, músicas, fantoches, re-
31 presentações etc. O profissional em sua formação não só armazena e
32 aplica conteúdos, pois o conhecimento está em constante mudança, por
33 isso a importância de avaliar e atualizar seus conhecimentos.

34 Este estudo foi justificado para pesquisar as abordagens pedagó-
35 gicas voltadas para crianças, à oportunidade que têm de adquirir conhe-
36 cimento e, uma nova língua mais cedo. Dessa forma, cabe aos professo-

1 res de língua estrangeira buscar a melhor abordagem e aperfeiçoamento
2 para oferecer um melhor ensino de acordo com a necessidade.

3 4 **4. *Facilitadores da aprendizagem***

5 O educador que opera no ensino da língua inglesa habitua-se dia-
6 riamente com a desmotivação dos estudantes com semelhança à sua
7 aprendizagem, são numerosas as reivindicações e fatores que desenca-
8 deiam esse grupo, desde o empenho ao preconceito com afinidade à lín-
9 gua inglesa, que é latente no habitual escolar, acreditam que, de certa
10 forma, é uma disciplina dispensável, que dificilmente irão usá-la. Cabe
11 ao educador que opera nesta ciência desmistificar esse mito em analogia
12 ao uso e utilidade da língua inglesa.

13 Mas sem motivação, não existirá aprendizagem. Faz-se impres-
14 cionável uma prévia motivação para que o colegial se sinta acordado para
15 o ensino. Entretanto, não adianta perseverar e tentar impor um conteúdo,
16 se o seminarista não estiver motivado ele não vai instruir-se, por mais
17 que o professor idealize formas diferentes para conduzir seu conhecimen-
18 to e, recompensas e penalidades também não resolvem, se o educando
19 não quiser estudar. Quando isso ocorre, o professor enfrenta o desafio de
20 desvendar a razão da desmotivação e precisar tentar resolver esse obstá-
21 culo para poder conseguir o seu objetivo, que é o ensino e aprendizagem
22 da língua estrangeira.

23 Assim, faz-se adequado dizer que, não é incomum o professor
24 sentir-se inábil e fracassado quando percebe que não conseguiu seus ob-
25 jetivos, que seus alunos não aprenderam, quando os mesmos apresenta-
26 vam tudo para instruir-se: muita motivação e aulas criativas. Então, o ins-
27 trutor se pergunta: O que deu errado? O que aconteceu? Muitas vezes o
28 instrutor não tem responsabilidade no resultado que conseguiu, houve
29 motivação, mas o colegial, talvez só naquele período, não se deixou es-
30 timular, não achou importante o que estava sendo analisado e podem-se
31 enumerar vários motivos: problemas individuais, stress, atenção voltada
32 para outra matéria, etc, ou puramente não querer estudar mesmo por pen-
33 sar que já sabe aquilo que a docente está lecionando. Mas, a suspeita do
34 professor continua seu batente neste caso foi ameaçado, ele precisa en-
35 contrar outra aula criativa para tentar trazer esse educando para o que es-
36 tá sendo avaliado, é sua responsabilidade, não envolve se o educando não
37 se sente motivado e não quer estudar.

1 Veja o que afirma Claudino Piletti (2004, p. 232-243) sobre moti-
2 vação em sala de aula:

3 (...) apesar de sua importância para a aprendizagem, à motivação nem sempre
4 recebe a devida atenção do professor. É muito mais fácil providenciar um ma-
5 nual, transmitir a matéria, cobrar nas provas, dar notas, como geralmente se
6 fez nas escolas. Procurar motivar os alunos a fim de que se interessem pela
7 matéria, a fim de que estudem de forma independente e criativa, é muito mais
8 difícil. Mas, nesse caso, os resultados serão muito gratificantes para profes-
9 sores e alunos, pois, ao final do processo, todos se sentirão realizados.

10 É imprescindível que qualquer aula ministrada pelo professor te-
11 nha objetivos direcionados para atender as necessidades do educando pa-
12 ra que o mesmo sinta-se motivado a aprender, e que essa motivação e in-
13 teresse atravessem as paredes da sala de aula e, que continue no seu coti-
14 diano. Se as metas propostas atenderem às expectativas do aluno, ele
15 com certeza satisfará suas necessidades de aprendizagem.

16 No entanto, na sala de aula, não é suficiente que os alunos partici-
17 pem de várias atividades dispersas, sem sentido. É necessário que essas
18 atividades sejam orientadas para objetivos que satisfaçam necessidades
19 individuais e, melhor do que garantir que o professor deva determinar o
20 aluno, é dizer que ele deve proporcionar objetivos apropriados para a sa-
21 tisfação dos motivos.

22 Dificuldades no processo de aprendizagem:

23 “(...) a aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, du-
24 rante toda a nossa vida”. Portanto, ela é um processo constante, contínuo. Ca-
25 da indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem (ritmo biológico) que,
26 aliado ao seu esquema próprio de ação, irá construir sua individualidade.
27 (DROVEL, 1990)

28 Aprender alguma coisa, principalmente outra língua necessita de
29 interesse, motivação, incentivo e também da capacidade e do ritmo de
30 cada um, pois todo ser humano tem um ritmo nato, que é uma caracterís-
31 tica só sua. Não adianta o professor impor e cobrar um resultado quando
32 este não condiz com o acompanhamento do aluno, isso deve ser respeita-
33 do e observado pelo educador. Forçar uma aprendizagem sem observar o
34 ritmo dos alunos certamente levará ao fracasso escolar.

35 Na escola, deve o professor atentar para as fases do desenvolvi-
36 mento do aluno, estando na posição de facilitador da aprendizagem e ba-
37 seando seu trabalho no acatamento mútuo, na confiança e no afeto.

1 Como afirma Carl Ransom Rogers (1997, p. 53), devendo estabele-
2 lecer em seus alunos uma relação de ajuda, atento para as maneiras de
3 quem ajuda e para a percepção de quem é auxiliado.

4 As diferenças individuais levam alguns indivíduos a serem mais
5 lentos na aprendizagem, enquanto outros são mais rápidos. A aprendiza-
6 gem é, portanto, um processo pessoal, individual, o que leva a pensar que
7 existe uma escala que mede o nível de aquisição de conhecimentos em
8 cada sala de aula. Os problemas de aprendizagem referem-se às situações
9 difíceis enfrentadas pelo ser humano dito normal ou com algum tipo de
10 desvio em aprender alguma coisa. Não é raro ocorrer de um estudante
11 frequentemente ser identificado como portador de problemas de aprendi-
12 zagem quando este não consegue realizar o é esperado de uma programa-
13 ção de ensino. Seja porque ele fica atrelado a mecanismos que tenta re-
14 produzir sem êxito, apesar de saber, até mais do que o professor está en-
15 sinando, falta-lhe meios para se expressar.

16 O que se encontra presentemente no ensino de inglês são fatores
17 desmotivacionais como salas de aula lotadas, professores limitados, co-
18 brança através de análises de avaliação que nada avaliam. Fatores desmo-
19 tivacionais observados tanto na organização de escolas de ensino médio,
20 onde a catequização de inglês parou no método de tradução e gramática
21 do princípio do século, como nos cursos privados de línguas, que para-
22 ram no método audiolinguístico dos anos 60. Não apontando resultados
23 imediatos e motivadores não permitindo ao aluno que adquira a profici-
24 ência desejada, gerando frustração destruindo a motivação.

25 Também o individuo que não se identifica com a língua estrangei-
26 ra, normalmente por falta de maior informação, estará desmotivado a
27 aprender a língua estrangeira.

28 Conclui-se então que, em vez de nos incomodarmos em motivar
29 nossos alunos, devíamos nos encorajar mais para que não desmotivem.
30 Caso não despertar a motivação de forma natural para o exercício de lín-
31 guas, pelo menos, não destruí-la, preservando-a para a oportunidade cer-
32 ta.

33 34 5. *Considerações finais*

35 No presente artigo científico vimos que a leitura possui grande
36 importância para o desenvolvimento da sociedade de um modo geral,
37 pois nas sociedades modernas a importância dada ao conhecimento é

1 grande e o mesmo – pelo menos o formal, aquele tido dentro da escola –
2 se obtém através da leitura.

3 A exigência de uma segunda língua se faz necessária para que es-
4 se conhecimento possa ser usufruído, tendo o processo de globalização
5 como o exigente da necessidade de uma pessoa ter que falar uma segun-
6 da língua para atuar plenamente no mercado de trabalho.

7 Nesse sentido, vimos que muitas vezes o conhecimento da língua
8 é mais necessário no que concerne à especificidade da área de estudo e
9 de trabalho do aluno. Desse modo, o ensino de uma segunda língua de
10 modo instrumental se faz de extrema necessidade, principalmente no que
11 concerne à língua inglesa.

12 Podemos concluir, então, que é expressiva a participação do ensi-
13 no de língua instrumental, na metodologia de ensino de línguas estrangei-
14 ras modernamente. Entretanto, devemos observar que o profissional, para
15 atuar nessa área, necessita de conhecimentos teóricos para que possa co-
16 municar com segurança contribuindo para a aquisição de maior confian-
17 ça, e autonomia da leitura. Muito da abordagem instrumental vem ocor-
18 rido nas instituições de ensino como inglês com finalidade acadêmica.
19 Não podendo esse professor esquecer que deverá atuar como: pesquisa-
20 dor, elaborador de curso e avaliador. Alertando ao público que, não está
21 centrado na habilidade da leitura, mas dependendo da necessidade do
22 aluno, pode fazer parte do planejamento desse profissional.

23 Concluímos que existem mais vantagens do que desvantagens sob-
24 re a aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas e
25 que, o professor tem grande responsabilidade nesse processo. No estudo
26 em questão foi observado que a maioria dos professores se submete a um
27 treinamento para exercerem a prática, o que sugere uma maior dificulda-
28 de para o exercício da prática reflexiva.

29

30

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

31 BRASIL. MEC/Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curricu-*
32 *lares nacionais: Língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL.
33 p. 37

34 CAVALCANTI, Marilda do Couto. *Reflexões sobre a prática como fonte*
35 *de temas para projetos de pesquisa para a formação de professores de*

- 1 LE. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. (Org). O professor de
2 língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes. 2009. p. 179-184
- 3 CHAGURI, Jonathas de Paula. *A Importância do ensino da língua ingle-*
4 *sa nas séries iniciais do ensino fundamental. 2004*
- 5 ELLIS, Rod. *Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford
6 University Press, 1997.
- 7 LEFFA, Vilson José. *Aspectos políticos da formação do professor de*
8 *línguas estrangeiras*. In: _____. (Org.). *O professor de línguas estrangei-*
9 *ras: construindo a profissão*. Pelotas, 2001, p. 333-355. Disponível em:
10 <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/formacao.pdf>>.
- 11 PILETTI, Claudino. A motivação da aprendizagem. In: _____. *Didática ge-*
12 *ral*. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 232-243.
- 13 ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. Trad.: Manuel J. C. Ferreira.
14 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 15 SCHUTZ, Ricardo E.; KANOMATA, Takano. *English Made in Brazil*.
16 2006. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk.html>>.
- 17 VIEIRA, Cristiana. Cultura em estéreo. *Revista discutindo língua portu-*
18 *guesa*, São Paulo, vol. 2, n. 10, p. 32-38, 2008.